

11 AGO 1986

Economia deve crescer entre 6,5 e 7% ^{Brasil} em 86, prevê o Ibmec

por Walter Diogo
do Rio

A economia brasileira deverá crescer neste ano entre 6,5% e 7%, não repetindo o desempenho do ano passado, quando alcançou a taxa de expansão de 8,3%. A previsão é de um estudo elaborado pelo Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmec), que prevê a desaceleração dos setores industrial e de serviços no segundo semestre.

De acordo com as estimativas do Ibmec, o setor industrial brasileiro crescerá, neste ano, apenas entre 8 e 8,5%, a agricultura cairá -7% e a atividade de serviços — que engloba transporte, comunicações, bancos, seguradoras, bolsas e a máquina administrativa do governo — deverá crescer entre 8 e 9%. O estudo prevê que vai ocorrer no segundo semestre o desaquecimento da indústria e o ajuste dos bancos estaduais do governo.

O diretor técnico do órgão, João Luiz Mascolo,

disse que o setor industrial vinha apresentando um crescimento excepcional até junho, registrando uma taxa acumulada de expansão de 12% no primeiro semestre, mas em julho começou a desaquecer devido a problemas de falta de matérias-primas e até mesmo de produtos. Ele prevê que o setor de alimentos processados vai influir muito negativamente no desempenho da indústria, devido a redução da produção por causa do congelamento dos preços. Ele acredita também que o setor automobilístico, que vinha liderando a expansão da atividade industrial, será desaquecido em função do empréstimo compulsório criado pelo governo.

Pelos estudos do Ibmec, a escassez de produtos e a cobrança de ágio, problemas que surgem como um segundo Estágio nos congelamentos muito demorados, deverão influir na atividade industrial do segundo semestre. Outra atividade que também será frea-

da, na opinião de Mascolo, é a produção de petróleo, como consequência do empréstimo compulsório para a gasolina.

O setor de serviços, que cresceu 10% no primeiro semestre, segundo as previsões do órgão, vai diminuir o ritmo de expansão nos seis meses restantes, segundo Mascolo. Ele observa que o governo terá de fazer o ajustamento no Banco do Brasil, nas caixas econômicas federal e estadual e em todos os bancos estaduais.

"O setor financeiro privado já fez seu ajustamento, demitindo mais de 100 mil pessoas no primeiro semestre. Agora, é a vez dos bancos oficiais, que estão operando com prejuízos e querem adiar por causa das eleições. Não há como fugir. O governo também terá de se ajustar, reduzindo a dimensão da máquina administrativa. Se isto não for feito, o Plano Cruzado fracassa", comentou.

Para Mascolo, a euforia de crescimento econômico

ocorreu nos primeiros três meses do Plano, quando todos os trabalhadores tiveram aumento de renda e resolveram gastar dinheiro retirado da poupança. Agora, pelas previsões de Mascolo, o governo terá de adotar as medidas complementares do Plano Cruzado. Ele considera muito boas as taxas previstas de crescimento dos setores industrial e de serviços, e mostra-se muito preocupado com a queda do setor agrícola em um momento em que os preços estão congelados.